

UMA CARTA
Hugo von Hofmannsthal
Tradução de Zebba Dal Farra

Esta é a carta que Philip, lord Chandos, o filho menor do conde de Bath, escreveu a seu amigo Francis Bacon, mais tarde lord de Verulam e visconde de St. Albans, para desculpar-se por sua renúncia total à atividade literária.

É muito amável de sua parte, meu muito estimado amigo, ignorar meu silêncio de dois anos e me escrever. É mais que amável de sua parte expressar sua preocupação comigo, sua inquietação com a paralisia mental que você crê me acometer, com a graça e o humor dos grandes homens, que sabem nos ossos como a vida é perigosa mas nem por isso se abatem.

Você conclui com o aforismo de Hipócrates, *Qui gravi morbo correpti dolores non sentiunt, its mens aegrotat*¹, querendo dizer que eu precisaria de remédio não só para curar meu mal, mas, sobretudo, para aguçar a atenção para meu estado interior. Gostaria de responder como deseja, quisera me abrir inteiramente com você, mas não sei como fazê-lo. Nem sequer sei se ainda sou o mesmo a quem sua inestimável carta se endereça. Tenho agora vinte e seis anos. Será que sou o mesmo homem que escreveu aos dezenove *A nova Paris, Sonho de Dafne, Epitalamio*, estes dramas pastorais ébrios da exuberância de suas palavras, que uma rainha sublime e alguns lordes e senhores mais que indulgentes teimam ainda em recordar? Será que sou aquele que, aos vinte e três, sob as arcadas de pedra da grande praça de Veneza, descobriu dentro de si a ordem interna da prosa latina, cujo risco e estrutura cativaram seu coração mais que as construções de Palladio e Sansovino que surgem do mar? E se sou o mesmo, como pude ter perdido completamente de meu incompreensível interior todo rastro e cicatriz desse parto que é fruto de meu mais intenso pensar, a ponto do título de meu breve tratado me olhar, estranho e frio, de sua carta bem diante de mim? Tão completamente que eu nem mesmo o percebo direito como imagem familiar feita de palavras conexas, mas somente tomando palavra por palavra, como se os termos latinos assim reunidos se apresentassem pela primeira vez diante de meus olhos? Mas certamente sou eu e ninguém mais essa pessoa, e essas perguntas são retórica, retórica boa para as mulheres ou os políticos, cujos poderes, tão valorizados em nosso tempo, não bastam para penetrar o coração das coisas. **Eu terei de mostrar-lhe o que há dentro de mim – uma peculiaridade, uma fraqueza, uma doença mental, se preferir – se você puder compreender que um abismo sem ponte, intransponível, me separa tanto dos textos que eu presumo escreverei, quanto dos que eu escrevi, estes textos que eu hesito chamá-los meus, tão estranhos me parecem.**

Quando você me lembra dos vários pequenos projetos que me entretiam naqueles dias de tão refinado entusiasmo, não sei o que admiro mais, a força de sua boa vontade ou a agudeza de sua memória. É certo que me propunha a recriar os primeiros anos do reinado de nosso glorioso soberano, agora falecido, Henrique VIII! Os apontamentos que deixou meu avô, o duque de Exeter, sobre suas negociações com a França e Portugal, me deram de algum modo um ponto de partida. E de Salustio fluiu até mim naqueles dias

1 Quem não sente que uma grave doença o assalta, está mentalmente doente.

felizes e estimulantes, como por canos jamais obstruídos, a consciência da forma, daquela forma interior profunda e autêntica que só se pode intuir mais além do domínio dos artifícios retóricos: essa forma da qual já não é possível dizer que ordena a matéria, porque a penetra, a sublima, e cria poesia e verdade a um só tempo, um contraponto de forças eternas, algo tão esplêndido como a música e a álgebra. Esse era meu projeto mais querido. Mas, quem é o homem para fazer projetos!

Também acariciava outros planos. Sua gentil carta os evoca de igual maneira. Cada um deles inchados com uma gota de meu sangue, dançam diante de mim como mosquitos miseráveis em um muro sombrio que já não banha o sol luminoso dos dias felizes.

Quisera decifrar as fábulas e os relatos míticos legados pelos antigos e pelos quais sentem um gosto infinito e irreflexivo os pintores e escultores, como se se tratasse de hieróglifos de uma sabedoria inesgotável e secreta, cujo alento eu acreditava perceber às vezes detrás de um véu.

Me lembro daquele projeto. Havia nele não sei que prazer sensual e espiritual: como o cervo acossado busca refúgio na água, assim eu ansiava submergir-me nesses corpos radiantes e nus, nessas sereias e dríadas, naquele Narciso e Proteu, Perseu e Acteu: quisera desaparecer neles e a partir deles falar em suas línguas. Eu quisera. Eu quisera tantas outras coisas. Pensava compor uma coleção de provérbios, como Julio Cesar: você se lembra da cita em uma carta de Cícero. Era minha intenção reunir ali as máximas mais curiosas, recolhidas em meu trato com os homens eruditos e as mulheres engenhosas de nosso tempo, com gente singular do povo ou com pessoas cultas e distintas, no curso de minhas viagens; quisera juntar belos aforismas e reflexões colhidos das obras dos antigos e dos italianos, e todos os ornamentos intelectuais que se encontram nos livros, manuscritos ou conversações; e ainda o relato detalhado de estupendas festas e cortejos, de crimes bizarros e casos de loucura, descrições dos palácios mais imponentes e austeros da Holanda, França e Itália, e muito mais. A obra inteira se chamaria *Nosce te ipsum*.

Em poucas palavras: naquele tempo, embebido numa espécie de embriaguez permanente, toda a existência se apresentava como uma grande unidade: entre mundo mental e físico não havia contradição alguma, como tampouco entre o gentil e o animal, entre a arte e a barbárie, a solidão e a companhia; em tudo percebia a natureza, nos desvarios da loucura e no refinamento extremo de uma cerimônia espanhola; nas torpezas dos jovens camponeses como nas mais doces alegorias; e em toda a natureza me percebia a mim mesmo. Quando em minha cabana de caça eu bebia num pote de madeira o leite espumoso e morno que um vaqueiro ordenhara das tetas cheias de uma formosa vaca de olhos doces, aquilo não era distinto desses momentos em que, sentado num banco da janela de meu estúdio, me nutria com o alimento doce e espumoso do espírito que emanava de um livro. Um lado era como o outro. Nenhuma experiência era inferior a outra, nem em sua natureza onírica e sobrenatural, nem em sua energia vital, e isso era assim em toda manifestação da vida. Por toda parte, eu estava bem no meio de tudo, e nunca percebia nada de falso: eu intuía que tudo era simbólico e toda criatura, uma chave para as outras, e me sentia capaz de agarrá-las uma a uma e abrir com elas tantas outras quanto eu pudesse. Assim se explica o título que pensava dar àquele livro enciclopédico.

A alguém suscetível a tal modo de entender o mundo poderia parecer um bem traçado plano de uma providência divina o fato de que meu espírito tivesse que desinflar-se de

tanta arrogância para cair neste extremo de desespero e impotência, que é agora o estado permanente de meu ânimo. Mas tais considerações religiosas não possuem nenhum poder sobre mim; fazem parte das teias pelas quais alguns de meus pensamentos passam e se atiram no vazio, enquanto tantos outros nelas se enredam e encontram paz. Para mim, os mistérios da fé adquiriram a forma de uma alegoria sublime, que se eleva sob os campos de minha vida como um arco-íris resplandescente num perpétuo longe, sempre a se afastar se me ocorresse correr até ele para me envolver nas bordas de seu manto.

Porém, meu estimado amigo, também os conceitos terrenos me escapam da mesma maneira. Como tentar descrever-lhe esses estranhos tormentos do espírito, os galhos carregados de fruta lançados sobre minhas mãos estendidas, a escassez do murmúrio das águas nos meus lábios sedentos?

Meu caso, em poucas palavras, é este: perdi por completo a faculdade de pensar ou falar coerentemente sobre qualquer coisa.

No princípio, tornou-se pouco a pouco impossível discorrer sobre um tema elevado ou geral com palavras que qualquer um diz sem hesitar. Sentia um inexplicável mal estar pelo simples fato de pronunciar as palavras “espírito”, “alma” ou “corpo”. Tornava-me profundamente incapaz de expressar juízo algum sobre os assuntos da Corte, os incidentes no Parlamento ou qualquer outro assunto que você possa imaginar. E não por qualquer escrúpulo, você já conhece minha franqueza que beira a insolência: pelo contrário, as palavras abstratas, que naturalmente a língua precisa dizer para expressar qualquer ideia, se esfarinhavam na minha boca como cogumelos podres. Assim é que uma vez em que quis repreender minha filhinha de quatro anos, Caterina Pompilia, por uma mentira que havia inventado, para chamar sua atenção para a necessidade de se dizer a verdade, as palavras que afloraram aos meus lábios adquiriram de repente uma coloração tão mutante e se confundiram entre si de tal modo que, balbuciando, terminei como pude a frase e, como se indisposto e, de fato, pálido, com uma intensa pressão na frente, tive que deixar só a menina, fechei de um só golpe a porta às minhas costas e só consegui me recompor depois de dar uma boa carreira a cavalo pelo prado solitário.

Contudo, pouco a pouco foi-se estendendo essa aflição como ferrugem que tudo corrói. As conversações familiares e cotidianas também se tornaram tão questionáveis, tão inquietantes todos os juízos que se costumam expressar facilmente e com segurança de sonâmbulo, que me vi forçado a abster-me de participar de tais conversações. Uma ira inexplicável, que a duras penas dissimulava, se apoderava de mim quando escutava coisas como: tal coisa se passou bem ou mal para tal e qual; o comissário N. é mau, o pastor T. é um bom homem; temos que nos compadecer do fazendeiro M., seus filhos jogam dinheiro fora; alguém causa inveja porque suas filhas são econômicas; uma família prospera, outra naufraga. Tudo isso me parecia falso, vazio, insustentável. Me obrigava o espírito a contemplar com terrível proximidade tudo o que reluzia naquelas conversações: assim como em certa ocasião havia visto através de uma lente de aumento um pedaço da pele de meu dedo mindinho que parecia um campo cheio de sulcos e crateras, agora me ocorria o mesmo com as pessoas e seus atos. Já não lograva apreendê-los com a mirada simplificadora do hábito. Tudo se desintegrava em pedaços e os pedaços em mais pedaços, e nada se deixava convergir para um único conceito. As palavras fluíam rápidas ao meu redor, transformavam-se em olhos que me miravam fixamente e me obrigavam a devolver-lhes a mirada: verdadeiros vórtices de um eterno turbinar, a girar sem cessar e a conduzir ao vazio.

Tentei escapar deste estado, fugindo para o mundo espiritual dos antigos. Evitei Platão. Me horrorizavam os perigos de seu voo ideal. Pensei em me ater especialmente em Sêneca e Cícero; esperava curar-me com essa harmonia de conceitos precisos e ordenados.

Vi o seu maravilhoso jogo de relações surgir diante de mim como magníficas fontes d'água, brincando com bolas douradas. Podia ver os conceitos jogarem para lá e para cá, brincando uns com os outros. Mas eles só tinham a ver uns com os outros e o mais profundo e pessoal de meu pensamento permanecia excluído de seu círculo. Com eles experimentei a sensação de uma terrível solidão. Em meu espírito era como se estivesse trancado num jardim com estátuas sem olhos. Tive de fugir novamente para o ar livre.

Desde então levo uma existência que você dificilmente poderia conceber. Sim, uma existência tão sem espírito, tão sem pensamento, quase sem nenhuma diferença da existência de meus vizinhos, de meus parentes e da maior parte dos nobres proprietários de terra deste reino, e que não é totalmente desprovida de momentos alegres e vivos. Não seria fácil para mim explicar a você em que consistem esses momentos, as palavras mais uma vez me deixam na mão. De fato, é qualquer coisa completamente indefinida que se revela para mim em tais momentos, saturando com um jato de vida mais elevada meu cotidiano, como se enchesse um pote.

Não posso esperar que você me compreenda sem um exemplo e devo me desculpar por estes exemplos lamentáveis. Um regador, um rastelo abandonado no campo, um cachorro ao sol, um cemitério de igreja, um aleijado, uma pequenina casa de camponês, tudo isso pode se tornar o trágico pote de minha revelação. Cada um desses objetos e milhares de outros semelhantes, sobre os quais o olhar costuma mirar com natural indiferença, podem subitamente, em qualquer momento que não se encontra de modo algum em meu poder, assumir um caráter tão sublime e comovente que as palavras parecem pobres demais para exprimir. Sim, mesmo a evocação precisa de um objeto ausente pode transbordar com esse fluxo silencioso de sensação divina que repentinamente irrompe.

Assim é que, há pouco tempo, ordenei que colocassem veneno contra rato no porão onde se guarda o leite, em uma das minhas fazendas. À tardinha, saí para andar a cavalo e, como você pode imaginar, não pensei mais no assunto. Quando cavalgava pela terra arada com profundos sulcos, sem nada mais inquietante ao meu redor do que o voo de um bando de codornas espantadas e, ao longe, o enorme disco do sol se pondo sobre os campos ondulados, de repente se abre dentro de mim aquele porão, repleto da agonia da luta contra a morte dessa população de ratos.

Tudo era em mim: o ar frio e úmido do porão, saturado do odor doce e penetrante do veneno, os ecos dos gritos de morte estalando nos muros cheios de musgo, as convulsões de corpos impotentes revirando-se uns sobre os outros, o emaranhado de espasmos vãos e desesperação frenética, a busca enlouquecida das saídas, a fria mirada de raiva quando dois deles se enfrentam numa rachadura bloqueada. Mas por que busco de novo palavras que eu havia repudiado? Você se lembra, meu amigo, das maravilhosas descrições feitas por Lívio das horas que antecederam a destruição de Alba Longa? Como as multidões erravam pelas ruas que não voltariam a ver... como se despediam das pedras do caminho! Te digo, meu amigo, que eu levava dentro de mim tudo isso e também Cartago em chamas. Mas era mais que isso, era mais divino, mais animal; e era

presente, o presente mais pleno e sublime. Ali estava a mãe com suas crias em agonia, e não lançava sua mirada para os implacáveis muros de pedras, mas para o ar vazio ou, através dele, para o infinito, acompanhando essa mirada com um ranger dos dentes! Se um escravo cheio de horror impotente se encontrou alguma vez perto de Níobe petrificada, seguramente sentiu o que senti dentro de mim quando a alma daquele animal mostrava os dentes para o seu trágico destino.

Me perdoe essa descrição, mas não pense que era compaixão o que sentia. Não pense que era isso, de modo algum, pois então o exemplo teria sido mal escolhido. Era muito mais e muito menos do que compaixão. Era um trágico sentir, um fundir-se naquelas criaturas ou a sensação de que um fluido de vida e morte, de sonho e vigília havia emanado delas por um instante – mas de onde? Pois o que teria a ver com compaixão, com uma associação coerente de ideias o fato de, outra noite, ter encontrado sob uma amendoeira um regador meio cheio, que um jardineiro ali havia esquecido, e que esse regador e a água dentro dele, obscurecido pela sombra da árvore e com um besouro que rema sobre espelho d'água de uma margem a outra, que essa combinação de pequenices me estremeça com tal presença do infinito desde a raiz de cada cabelo até o calcanhar, que sinta um impulso de irromper em palavras, palavras que, se eu as encontrasse, poria de joelhos os querubins, nos quais não creio? E logo me afasto em silêncio daquele lugar, e, ainda agora, semanas depois, avistando essa amendoeira, passo por ela com olhar tímido e de soslaio, pois não quero apagar o sentimento de maravilha que restou e que paira em volta do tronco, não quero afugentar o arrepio mais do que terrestre que sempre ainda repercute nas suas proximidades?

Nesses momentos, uma criatura de nada, um cachorro, um rato, uma barata, uma macieira curvada, uma estrada sinuosa sobre o morro, uma pedra cheia de musgo, são para mim mais do que a mais bela e devotada amante de uma noite feliz. Essas criaturas mudas e por vezes inanimadas impõem-se para mim com tamanha abundância, com tamanha presença de amor, que meu olho feliz não consegue fixar-se em nenhum ponto morto ao redor. Me parece então que tudo, tudo o que existe, tudo que recordo, tudo que meus pensamentos enlouquecidos tocam adquire sentido. Até o meu próprio peso e a estupidez de meu cérebro se enchem de sentido. Sinto em mim e em torno de mim um fascinante jogo de contrastes e, dentre as matérias que interatuam, não há sequer uma para a qual não possa me lançar. Meu corpo me parece então composto de puras chaves que o revelam todo. Ou é como se pudéssemos iniciar uma relação inteiramente nova e cheia de pressentimentos com toda a existência, se começássemos a pensar com o coração. Só que tão logo, porém, esse estranho encanto me abandona, já não posso dizer nada dele. Tampouco seria capaz de expor com palavras racionais em que consiste essa harmonia que nos invade a mim e ao mundo inteiro, nem como ela se fazia perceber em mim, do mesmo modo que não posso precisar os movimentos de minhas vísceras ou o curso de meu sangue.

Exceto por esses estranhos acontecimentos, que eu dificilmente saberia dizer se pertencem mais à ordem do espírito ou do corpo, vivo uma vida de incrível vazio, e me custa esconder de minha mulher e de meus criados a paralisia de meu ânimo e a indiferença com os assuntos de minha propriedade. A esmerada e severa educação que recebi de meu venerado pai e o hábito que adquiri desde cedo de não deixar nenhuma hora desocupada são ao que parece as únicas coisas que dão à minha vida uma coerência suficiente e uma aparência de acordo com minha condição e minha pessoa.

Estou reformando uma ala em minha casa e de quando em quando consigo discutir com o

arquiteto sobre os progressos da obra. Administro meus bens, e meus inquilinos e funcionários podem me considerar mais silencioso que de costume, mas não menos amável. Nenhum daqueles que se encontra de pé diante de sua porta com o boné nas mãos, quando faço minha cavalgada no fim do dia, tem a mínima suspeita de que meu olhar, que ele está acostumado a corresponder em sinal de respeito, espalha-se com nostalgia quieta sobre tábuas meio podres, debaixo das quais eles buscam minhocas para a pesca, atravessa a estreita veneziana e invade o quarto escuro onde, num canto, a humilde cama com lençóis coloridos parece esperar sempre alguém que quer morrer ou alguém que há de nascer. Ele não suspeita que meus olhos contemplam longamente o cachorrinho feio ou o gato que desliza cheio de destreza entre o vaso quebrado; e que, dentre todos os utensílios miseráveis e toscos de uma vida camponesa, buscam aquele cuja forma insignificante, cuja muda presença, cujo inadvertido estar caído ou estar apoiado, cuja existência silenciosa pode converter-se em fonte daquela enigmática, indizível e desenfreada exaltação. Porque esse sentimento, sem nome, de felicidade surgirá em mim mais de um fogo solitário e longínquo de pastores que da visão de um céu estrelado; mais do canto da última cigarra, quase morta quando o vento outonal sopra nuvens inverniais por sobre os campos baldios do que do rugido majestoso de um órgão. E por vezes comparo-me em meus pensamento com Crasso, aquele orador de quem se conta ter amado tanto um dos peixes de seu aquário, uma moreia mansa, um peixe calado, estúpido e de olhos vermelhos, que se tornou uma piada na cidade. E quando em certa ocasião Domício o censurou no Senado por ter vertido lágrimas pela morte desse peixe, querendo assim mostrá-lo como idiota, Crasso lhe respondeu dizendo: “Na morte do meu peixe, eu fiz o que você não fez na morte da sua primeira mulher e nem da segunda”.

Não sei quantas vezes esse Crasso com sua moreia me veio à mente, mais além do abismo dos séculos, como uma imagem de mim mesmo. Não tanto pela resposta que deu a Domício. Com a resposta ganhou os demais, de maneira que tudo se dissolveu na anedota. Essa estória me toca bem de perto e a questão seria a mesma ainda que Domício tivesse vertido as lágrimas de sangue da dor mais honesta pela morte de suas mulheres. Pois frente a ele estaria ainda Crasso, com seu pranto por sua moreia. Nesta figura, cuja comicidade e humilhação salta tanto em meio a um Senado todo-poderoso que deliberava sobre as questões mais sublimes, nesta figura, algo sem nome me obriga a pensar de uma maneira que descubro completamente insensata quando tento expressá-la com palavras.

Às vezes, de noite, o fantasma deste Crasso é como uma agulha cravada em meu cérebro, em volta da qual tudo supura, lateja e ferve. Sinto então como se meu ser se agitasse, como se meu corpo borbulhasse, efervescesse e ardesse em chamas. Tudo isso é uma espécie de pensar febril, mas é um pensar cuja matéria é mais imediata, fluida e incandescente que as palavras. São também redemoinhos, mas, diferentemente dos redemoinhos da linguagem, não parecem conduzir para um abismo, senão que, de algum modo, conduzem a mim mesmo, para dentro de mim mesmo e para o seio mais profundo da paz.

Já lhe importanei muito, meu caro amigo, com esta longa descrição de um estado inexplicável que de hábito permanece encerrado em mim. Foi uma grande generosidade sua exprimir a sua insatisfação por não receber nenhum livro meu “que compense a falta de minha companhia”. Sinto nesse instante, com uma certeza que não exclui uma certa dor, que nem no ano que vem, nem no outro, nem em todos os anos desta minha vida, vou escrever um livro, nem em inglês, nem em latim. E isso por um só motivo cuja

estranheza, para mim embaraçosa, confio à discrição de sua infinita superioridade intelectual, livre de todo o deslumbramento, pôr em seu justo lugar no reino dos fenômenos espirituais e físicos dispostos harmoniosamente diante de si: é assim porque a língua na qual eu seria capaz não só de escrever mas também de pensar não é a língua latina, nem a inglesa, nem a italiana, nem a espanhola, mas uma língua da qual não conheço palavra alguma, uma língua na qual me falam as coisas mudas e na qual quiçá algum dia, na tumba, prestarei contas diante de um juiz desconhecido.

Quisera me fora dado o poder de condensar nas derradeiras palavras desta carta, seguramente a última que escrevo a Francis Bacon, todo o amor e a gratidão, toda a imensa admiração que guardo em meu coração pelo maior benfeitor de meu espírito, pelo primeiro inglês de meu tempo, e que guardarei até que a morte sobrevenha.

A.D. 22 de agosto de 1603
Phi. Chandos